



A primeira epístola salustiana a César sobre a República: introdução, tradução e notas

The first Sallustian epistle to Caesar on the Republic: introduction, translation and notes

André Rodrigues Bertacchi¹

e-mail: andre.bertacchi@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8158-4591>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v9i1.30751>

RESUMO: Apresenta-se aqui a tradução da *Primeira Epístola a César sobre a República*, atribuída ao historiador romano Salústio, à qual logo se acrescentará a versão da *Segunda epístola*, também endereçada a César. Na introdução, após discutir brevemente o problema da autenticidade e do gênero dos textos, as *Epístolas* serão abordadas a partir de sua relação com a *declamatio*. Tratava-se da composição de um falso discurso, em que o autor assumia a figura de outra pessoa, não raro imitando os grandes prosadores do passado. A partir dessa noção, mostrar-se-á como as epístolas tomam emprestados elementos das obras historiográficas de Salústio para construir um discurso parenético. A tradução ainda virá acompanhada de um texto em latim e de notas explicativas.

PALAVRAS-CHAVE: prosa latina; Salústio; *declamatio*.

ABSTRACT: It is here presented the translation of the first *Epistle to Caesar on the Republic*, attributed to the Roman historian Sallust, soon to be followed by the companion piece on the same subject. In the introduction, issues of authenticity and genre are discussed, with a special attention to the relationship among the epistles and the *declamatio*. This practice consisted of the composition of a speech based on an imagined situation, in which the author pretended to be someone else, in many cases the great prose writers of the past. It will then be shown how the epistles borrow elements from Sallust's historical works to compose a text in a different genre. A Latin text and explanatory notes accompany the translation.

KEY-WORDS: Latin prose; Sallust; *declamatio*.

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.



Junto com discursos e epístolas retirados das principais obras do autor – a *Conspiração de Catilina*, a *Guerra de Jugurta* e as *Histórias* –, o *Vaticanus latinus* 3864 (*siglum* V) nos transmite dois pequenos textos supostamente escritos por Salústio e endereçados a César.² Essa é a fonte principal para os opúsculos, uma vez que os outros códices em que eles figuram provavelmente são cópias, diretas ou indiretas, de V.³

O interesse dos comentadores pelos textos se concentrou principalmente na possibilidade de eles oferecerem acesso a uma parte da carreira de Salústio anterior à escrita das obras históricas, quando o autor ainda desempenhava um papel ativo na política romana.⁴ Por isso, a questão da autenticidade tornou-se ponto central nas discussões a respeito das *Epístolas* pelo menos desde que Justo Lípsio negou a atribuição a Salústio,⁵ e a extensa literatura em torno dos opúsculos está dedicada sobretudo a referendar ou questionar essa posição.⁶ Devido ao caráter extremamente especializado dos argumentos, ser-nos-ia impossível, no presente trabalho, discutir em detalhes as posições favoráveis e contrárias à autenticidade dos textos; mas, se tomarmos uma via alternativa e abordarmos os escritos a partir do gênero a que pertencem, podemos ter uma visão melhor também sobre esse problema.

² O códice data da segunda metade do séc. IX e, além dos excertos salustianos, contém ainda o *De Bello Gallo*, de Júlio César, e os Livros I-IV das *Epístolas* de Plínio, o jovem (*vide* a descrição em Sallusti 1991, p. xiv). O manuscrito chega à Biblioteca Vaticana por volta de 1475 (Bertòla 1942, p. 3), onde ainda hoje está conservado. Já no séc. XV, as primeiras edições impressas da obra salustiana tomam esse manuscrito como base para seu texto das *Epístolas* (Reynolds 1983, p. 349).

³ Além de V, Reynolds lista outros seis códices contendo as epístolas, a saber: *Vaticanus lat.* 3415; *Urbinateus lat.* 411; *Ottob. lat.* 2989, *Chantiliacensis* 762, *Gothoburgensis lat.* 24, *Parisinus lat.* 6093, todos datando do séc. XV (Reynolds 1983, pp. 349-50; Reynolds *in* Sallusti 1991, p. xix, n. 4). Os dois primeiros manuscritos já eram conhecidos no séc. XIX, tendo sido classificados por Jordan e Gerlach (*in* Salustii 1827, p. 28) como apógrafos de V. Reynolds (1983, p. 349) também nega que esses manuscritos tardios possuam autoridade independente, mas rejeita a hipótese de que eles sejam cópias diretas do *Vaticanus lat.* 3864, defendendo que o texto das *Epístolas* neles contido se baseia nas edições impressas da obra de Salústio (*vide* n. 1 acima).

⁴ “Les deux lettres de conseils à César ont joui d’une vogue immense auprès des hommes de bonne volonté et d’aspirations saines, car elles semblaient révéler un Salluste nouveau et séduisant. Non le politicien raté ou le militant de profession rancunier, mais un homme qui, malgré son dévouement personnel à César, a choisi cette allégeance en raison d’idéaux élevés, et s’est fait pressant pour encourager le dictateur dans sa tâche de réformes sociales et politiques.” (Syme 1983, p. 257).

⁵ Lipsius 1585, Liv. I, Cap. VIII, p. 11.

⁶ Em seu livro, originalmente publicado em 1964, Syme contava quarenta e oito trabalhos tratando da autenticidade dos opúsculos, observando ainda que “la ‘littérature sur la question’ s’accrut, et continue de s’accroître” (Syme 1983, p. 259).

Embora a denominação *Epistulae*, que o manuscrito utiliza para classificar os textos, tenha por vezes sido contestada,⁷ os comentadores em geral concordam quanto à associação das peças à prática da *declamatio*. Consistia a *declamatio* na composição de discursos em que o orador simulava ser outra pessoa e falava sobre situações que lhe eram alheias, mormente com o fim de aprimorar sua capacidade retórica.⁸ É provável que esse tipo de exercício, em que o aluno deveria falar de uma situação proposta pelo professor como forma de aprender a discursar em espaços públicos, estava na base das primeiras tentativas de sistematização da retórica como uma arte na Grécia dos sécs. V e IV a.C. Em uma passagem muito citada das *Refutações sofísticas*, com efeito, Aristóteles diz que o ensino da retórica não tinha um caráter técnico, mas se apoiava na imitação de modelos por parte dos alunos, que deveriam reproduzir discursos fornecidos pelo professor.⁹ Assim, os primeiros manuais retóricos consistiriam não em tratados,¹⁰ abordando a questão de um ponto de vista teórico, portanto, mas em

⁷ A partir de f. 124 v., o manuscrito apresenta, sob a rubrica *Epistulae*, seis excertos retirados das *Historiae* e das monografias de Salústio, sendo imediatamente seguidos pelos textos endereçados a César. Gebhardt (1920, p. 9), seguindo uma indicação de Meyer, questionou essa atribuição à primeira epístola; em seu lugar, o comentador prefere chamar o opúsculo de *oratio*, no que foi seguido por alguns editores (por exemplo, John C. Rolfe [1921], responsável pela antiga edição *Loeb* de Salústio). Gebhardt encontra o fundamento para essa classificação em uma passagem das *Noites áticas*. No Livro XVII, 18, com efeito, Aulo Gélío afirma que “Marcos Varrão, nas letras e na vida um homem grave e de grande honestidade, diz, no *Pio, ou sobre a paz*, que Salústio, escritor daquele discurso [*oratio*] sério e severo, que na história vemos falar e agir de modo austero, foi pego em adultério por Ânio Milão, recebendo uma surra de chicote, só tendo escapado depois de lhe dar uma soma em dinheiro.” (“M. Varro, in litteris atque uita fide homo multa et grauis, in libro, quem scripsit Pius aut de pace, C. Sallustium scriptorem seriae illius et seuerae orationis, in cuius historia notiones censorias fieri atque exerceri uidemus, in adulterio deprehensum ab Annio Milone loris bene caesum dicit et, cum dedisset pecuniam, dimissum.”). Gebhardt defende que a *seria et seuera oratio* é uma referência à *Primeira Epístola* de Salústio, devendo o texto, portanto, ser classificado como “discurso”; é mais provável, porém, que o termo não se refira a um texto em particular, mas tenha o sentido mais geral de “elocução” (*Oxford Latin Dictionary*, s.v. *oratio*, 3: “Literary language, style”), aludindo à maneira moralizante característica da escrita salustiana. Para maiores detalhes, *vd.* Last 1923a, pp. 91-94.

⁸ Os textos modernos de referência sobre a declamação antiga são Bonner (1949), para as obras latinas, e Russell (1983), para as gregas. Mais recentemente, a introdução de Feddern a seu livro sobre Sêneca, o velho, oferece uma boa apresentação sobre a *declamatio* (2013, pp. 7-35). Em português, temos a dissertação de mestrado de Artur Costrino (2010); especificamente sobre as *Epístolas* salustianas, há ainda os trabalhos de Santos (2012) e, sobre a obra espúria de salústio, a de Manoel (2014).

⁹ Arist. *Refut. sof.* 183b3b-184a7: “Com efeito, os que ensinavam discursos contenciosos em troca de pagamento ensinavam de modo semelhante ao que fazia Górgias: pois uns davam a seus alunos, para que fossem decorados, discursos retóricos; outros, discursos consistindo em perguntas e respostas, nos quais cada um dos lados pensava que a maior parte dos argumentos adversários estava contemplada. Por isso, os que aprendiam com esses homens recebiam um treinamento rápido e não técnico, pois pretendiam ensinar não a arte, mas o que é exterior à arte, como se, dizendo transmitir o conhecimento para impedir a dor nos pés, não se ensinasse a arte do sapateiro nem como se poderia produzir tais coisas, mas se desse uma grande variedade de calçados [*scil.* para que fossem copiados]...” (“καὶ γὰρ τῶν περὶ τοὺς ἐριστικούς λόγους μισθαροῦντων ὁμοία τις ἦν ἡ παιδείσις τῇ Γοργίου πραγματείᾳ· λόγους γὰρ οἱ μὲν ρητορικούς οἱ δὲ ἐρωτητικούς ἐδίδοσαν ἐκμανθάνειν, εἰς οὓς πλειστάκις ἐπιπίπτειν ᾗθησαν ἑκάτεροι τοὺς ἀλλήλων λόγους. διόπερ ταχεῖα μὲν ἄτεχνος δ’ ἦν ἡ διδασκαλία τοῖς μανθάνουσι παρ’ αὐτῶν· οὐ γὰρ τέχνην ἀλλὰ τὰ ἀπὸ τῆς τέχνης διδόντες παιδεύειν ὑπελάμβανον, ὥσπερ ἂν εἴ τις, ἐπιστήμην φάσκων παραδώσειν ἐπὶ τὸ μηδὲν πονεῖν τοὺς πόδας, εἴτα σκυτοτομικὴν μὲν μὴ διδάσκει μηδ’ ὅθεν δυνήσεται πορίζεσθαι τὰ τοιαῦτα, δοίη δὲ πολλὰ γένη παντοδαπῶν ὑποδημάτων.”).

¹⁰ Alguns comentadores, porém, questionaram a tese de que as primeiras *technai* fossem meramente discursos modelares, sem qualquer consideração teórica. A objeção encontra fundamento em uma passagem do *Fedro* (266d-267d), que trata do ensino de discursos no séc. V a.C. Longe de caracterizá-lo como atividade prática, Sócrates zomba de Tísias e Teodoro por suas divisões excessivamente minuciosas dos discursos políticos, que seriam de pouco auxílio para quem se aventurasse a falar na assembleia ou no tribunal. Ao contrário do que afirma Aristóteles, portanto, a passagem parece indicar que houve, já entre os primeiros professores de discursos públicos, uma tentativa de sistematização a partir de categorias abstratas. Para uma discussão recente sobre esse problema, *vide* Noël 2012.

discursos modelares, que os interessados em aprender a arte deveriam decorar¹¹ e nos quais poderiam encontrar argumentos capazes de serem adaptados quando fosse necessário falar no tribunal ou na assembleia.¹²

Embora possamos encontrar precedentes à *declamatio* já na época de nascimento da retórica, é nas escolas helenísticas que a prática se desenvolve e passa a integrar o currículo que deveriam cumprir os meninos ao serem educados na arte do discurso. Mais especificamente, a prática teria origem na distinção entre *thesis*¹³ (lat. *quaestio*, *consultatio* ou *propositum*) e *hypothesis* (lat. *causa* ou *quaestio finita*), formulada por Hermágoras de Temnos (I séc. a.C.).¹⁴ O primeiro gênero diz respeito a um caso geral, sem se referir a pessoas e lugares determinados, enquanto que as *hypotheses* tratam de questões particulares, sendo definidas as pessoas e as circunstâncias envolvidas.¹⁵ Assim, “é preciso se casar?” (*an*

¹¹ Um possível testemunho dessa prática seria a passagem inicial do *Fedro*, que descreve o modo pelo qual o personagem epônimo aprende o discurso sobre o amor: “Bem sei que, ouvindo um discurso de Lísias, ele o ouviu não só uma vez mas muitas outras o retomou e mandou repetir, ao que o outro prontamente obedecia. Ele porém nem com isso se contentava, mas por fim tomou do outro o folheto e se deteve a examinar o que mais lhe apetecia, e como isto fazia desde cedo, cansado de estar sentado, ei-lo que vai a passeio – sim, pelo cão! – sabendo de cor todo o discurso, se não era muito longo. E caminhava fora da muralha, para exercitar-se nele.” (Plat. *Fedro* 228a-b, trad. de José Cavalcante de Souza [in Platão 2016]; original: “εὖ οἶδα ὅτι Λυσίου λόγον ἀκούων ἐκεῖνος οὐ μόνον ἄπαξ ἤκουσεν, ἀλλὰ πολλάκις ἐπαναλαμβάνων ἐκέλευεν οἱ λέγειν, ὁ δὲ ἐπειθετο προθύμως. τῷ δὲ οὐδὲ ταῦτα ἦν ἱκανά, ἀλλὰ τελευτῶν παραλαβὼν τὸ βιβλίον ἂ μάλιστα ἐπεθύμει ἐπεσκόπει, καὶ τοῦτο δρῶν ἐξ ἑωθινοῦ καθημένος ἀπειπῶν εἰς περίπατον ἦει, ὡς μὲν ἐγὼ οἶμαι, νῆ τὸν κύνα, ἐξεπιστάμενος τὸν λόγον, εἰ μὴ πάνυ τι ἦν μακρὸς. ἐπορεύετο δ' ἐκτὸς τείχους ἵνα μελετῶη.”). Alcídamente parece aludir à mesma prática no *Contra os escritores de discursos escritos* 18, ao censurar o ensino de discursos pelo uso da escrita, entre outras coisas, porque é difícil memorizar palavra por palavra o texto que se planeja pronunciar ao público.

¹² Possíveis exemplos dessas primeiras artes seriam as *Tetralogias*, de Antífote, conjunto de quatro discursos que versavam sobre um caso judicial, metade representando a fala da acusação e a outra metade, a da defesa.

¹³ Quintiliano, em suas *Instituições oratórias* (XII, 2, 25), atribui o desenvolvimento da *thesis* a Aristóteles e a seu sucessor no Liceu, Teofrasto, uma hipótese que deve ser vista com cautela: a única justificativa apresentada pelo rétor para fundamentar essa afirmação é o fato de que os filósofos, em seu ensino de retórica, usavam de exercícios para treinar os alunos na prática dos discursos políticos. No entanto, é difícil acreditar que o ensino retórico desenvolvido por Aristóteles tenha se baseado em discursos modelares, tendo em vista as críticas do filósofo a esse método (*refutações sofísticas* 183b3b-184a7; *vd.* nota 9 acima).

¹⁴ Cíc. *Da Inv.* I, 8: “Pois Hermágoras não parece prestar atenção ao que diz nem compreender o que promete [Aristóteles], ele, que divide a matéria do orador em causa e questão, chamando de causa aquilo cuja controvérsia se dê por intermédio de pessoas definidas (também nós dizemos que ela é própria ao orador, pois a subordinamos às três partes há pouco referidas – demonstrativa, deliberativa e judiciária); chamamos de questão, por outro lado, aquilo em que a controvérsia se dá sem que se definam as pessoas envolvidas.” (“nam Hermagoras quidem nec quid dicat attendere nec quid polliceatur intellegere uidetur, qui oratoris materiam in causam et in quaestionem diuidat, causam esse dicat rem, quae habeat in se controuersiam in dicendo positam cum personarum certarum interpositione; quam nos quoque oratori dicimus esse adtributam (nam tres eas partes, quas ante diximus, subponimus, iudicialem, deliberatiuam, demonstratiuam). quaestionem autem eam appellat, quae habeat in se controuersiam in dicendo positam sine certarum personarum interpositione...”).

¹⁵ Cíc. *Tóp.* 79-80: “Há dois gêneros de questões: um é infinito; o outro, finito. Finito é aquele gênero que os gregos chamam de *hypothesis* e nós, de causa; infinito é o que eles chamam de *thesis* e que nós podemos denominar de ‘problema’. A causa se distingue por ter pessoas, lugares, tempo, ações e transações – ou todos eles, ou a maior parte dentre eles – determinado; o problema, por outro lado, tem um ou muitos desses elementos definidos, mas de modo algum a maioria deles. Por isso, o problema é uma parte da causa. Mas toda questão versa sobre algum daqueles pontos em que estão contidas as causas, seja um, sejam muitos – mas nunca todos.” (“Quaestionum duo genera sunt: alterum infinitum, definitum alterum. Definitum est quod ὑπόθεσιν Graeci, nos causam; infinitum quod θέσιν illi appellat, nos propositum possumus nominare. Causa certis personis, locis, temporibus, actionibus, negotiis cernitur aut in omnibus aut in plerisque eorum, propositum autem aut in aliquo eorum aut in pluribus nec tamen in maximis. Itaque propositum pars est causae. Sed omnis quaestio earum aliqua de re est quibus causae continentur, aut una aut pluribus aut nonnunquam omnibus.”).

uxor ducenda) seria um exemplo de *thesis*, mas a mesma questão deveria ser tratada como *hypothesis* se incluíssemos a pessoa implicada na ação: “Deve Catão se casar?” (*an Catoni uxor ducenda*) (Quint. *Inst. or.* III, 5, 5–8). Seguindo o curso desse desenvolvimento, a *thesis* foi adotada na sistematização retórica posterior como um subgênero dos *progymnasmata*, exercícios preliminares à declamação; quanto às *hypotheses*, elas passaram a ser designadas, no mundo latino, pelo termo *declamatio*, a única diferença significativa entre o que propusera Hermágoras sendo a adoção dos gêneros retóricos aristotélicos.¹⁶

Se a *declamatio* tem suas raízes na Grécia, são os latinos os primeiros a nos fornecer testemunhos sobre essa prática. Nas *Instituições oratórias*, com efeito, Quintiliano diz que os rétores propunham aos alunos que elogiassem ou vituperassem uma lei como se fossem um orador falando à assembleia ou ao tribunal (II, 4, 33).¹⁷ Outra passagem das *Instituições oratórias*, agora do Livro I, nos dá maiores indicações sobre a *declamatio*. Segundo Quintiliano, o início do treinamento retórico dar-se-á preferencialmente com o gramático, que, após ler a seus alunos as fábulas de Esopo e poemas,

¹⁶ Contrariando o testemunho ciceroniano, uma passagem de Sêneca, o velho, afirma que a *declamatio* tal como ele a praticava era algo muito mais recente, tendo surgido no tempo de vida do autor: “No entanto, Cícero declamava não aquilo que nós chamamos de ‘controvérsias’, nem certamente aqueles que se falavam antes de Cícero, que se chamavam ‘theses’. Pois esse gênero de matéria no qual nós nos exercitamos é de tal modo novo que também o nome dele é novo. Nós dizemos ‘controvérsias’; Cícero chamava de ‘causas’. Em verdade, este outro nome, certamente grego, mas traduzido ao latim como se fosse latino, ‘escolástica’; ‘controvérsia’ é muito mais recente, assim como a própria ‘declamação’ não pode ser encontrada em nenhum autor antigo antes de Cícero e Calvo, o qual distingue ‘declamação’ de ‘dicção’, pois diz que ele ainda não declama aceitavelmente, mas fala bem. O primeiro julga que se trata de um exercício doméstico; o segundo, de uma ação verdadeira. Há pouco o nome apareceu, pois também o próprio estudo começou a ser apreciado recentemente. Assim é fácil para mim conhecer esta matéria, que nasceu depois de mim, desde o berço.” (*Controv.* I, pr. 12, trad. de Artur Costrino [2010, p. 10]; original: “Declamabat autem Cicero non quales nunc controuersias dicimus, ne tales quidem quales ante Ciceronem dicebantur, quas thesis uocabant. Hoc enim genus materiae quo nos exercemur adeo nouum est ut nomen quoque eius nouum sit: controuersias nos dicimus; Cicero causas uocabat. Hoc uero alterum nomen Graecum quidem, sed in Latinum ita translatum ut pro Latino sit, scholastica, controuersia multo recentius est, sicut ipsa ‘declamatio’ apud nullum antiquum auctorem ante Ciceronem et Caluum inueniri potest, qui declamationem <a dictione> distinguit; ait enim declamare iam se non mediocriter, dicere bene; alterum putat domesticae exercitationis esse, alterum uerae actionis. Modo nomen hoc prodiit; nam et studium ipsum nuper celebrari coepit: ideo facile est mihi ab incunabulis nosse rem post me natam.”). A passagem foi extensamente analisada, e os comentadores foram praticamente unânimes em rejeitar a cronologia proposta por Sêneca (vide a bibliografia em Feddern 2013, p. 7, n. 29). Essa rejeição se funda nos seguintes argumentos: em primeiro lugar, a despeito do que diz o rétor, não encontramos diferença significativa entre as controvérsias e suasórias por ele recolhidas e a descrição ciceroniana de *declamatio*. Também questionável é a afirmação de que as *theses* só fossem praticadas no tempo de vida do rétor, pois as primeiras notícias da existência dessa prática antedatam em muito os últimos anos da república, época em que nasceu Sêneca.

¹⁷ Quint. *Inst. Or.* II, 4, 33: “O elogio e o vitupério das leis exigem maiores forças, de modo a quase fazer frente às mais altas tarefas do orador. Se esse exercício é mais apropriado às suasórias ou às controvérsias, depende do costume e da lei das cidades. Entre os gregos, com efeito, quem propõe uma lei é chamado a falar diante de um juiz; entre os romanos, é costume persuadir ou dissuadir frente à assembleia.” (“Legum laus ac uituperatio iam maiores ac prope summis operibus suffecturas uires desiderant: quae quidem suasoriis an controuersis magis accommodata sit exercitatio consuetudine et iure ciuitatum differt. Apud Graecos enim lator earum ad iudicem uocabatur, Romanis pro contione suadere ac dissuadere moris fuit”).

deve fazê-los escrever textos em prosa sobre o que acabaram de ouvir.¹⁸ Embora a passagem se refira especificamente ao treinamento dos meninos que aprendem as primeiras letras, o rétor acrescenta que “essa tarefa é difícil até mesmo para professores experimentados, e quem lida bem com ela será capaz de aprender qualquer coisa”.¹⁹ O trecho deixa, portanto, entrever que o exercício proposto por Quintiliano aos meninos era algo praticado também por homens experientes na retórica, que se colocavam na figura de grandes autores do passado. É a eles que provavelmente devemos muitas imitações de autores antigos, entre as quais possamos talvez incluir as epístolas salustianas endereçadas a César.

Ao se referir a essa prática, o autor emprega os termos *suasoriae* e *controversiae*, dedicadas, respectivamente, ao gênero deliberativo e ao judiciário. É justamente sob os títulos de *Suasórias* e *Controvérsias* que Sêneca, o velho, nos oferece a recolha dos exercícios retóricos praticados por ele em sua juventude, e a leitura dessas obras nos permite ter uma ideia de como se empregava tal instrumento no aprendizado dos discursos. Na primeira *Suasória*, por exemplo, intitulada “Alexandre delibera sobre se navegará no Oceano”, “o declamador deve colocar-se no lugar de um membro de um conselho de guerra, em que se discutirá se Alexandre, tendo conquistado a Ásia e a Índia, deve ou não ir além ao explorar o oceano, até então jamais cruzado” (Costrino 2010, p. 45). Podemos vislumbrar um situação semelhante nas epístolas, em que um rétor anônimo se coloca na figura do historiador Salústio, que agora deve aconselhar não mais ao conquistador macedônio, mas ao general romano Júlio César.

Quanto à elocução, o autor dos opúsculos se vale de recursos típicos da escrita salustiana. No que se refere à escolha dos vocábulos, por exemplo, palavras arcaicas (e. g. *uolgus*, *maxume*, *aduorsum*, *quoique*, *optumis* etc.), preferidas por Salústio, convivem com formas usuais do latim republicano (*libido* Ep. I, 1.1 em lugar de *lubido*, como em *Cat. II*), rejeitadas, porém, pelo historiador em suas demais obras. A sintaxe se aproxima da concisão salustiana, empregando de modo ainda mais recorrente figuras como o assíndeto e a elipse. Em termos gerais, não se pode dizer, portanto, que haja diferenças significativas entre a língua das epístolas e aquela das obras históricas.²⁰ Antes

¹⁸ Quint. *Inst. or.* I, 9: “Adicionemos às tarefas [dos gramáticos] rudimentos de oratória, que eles devem ensinar àqueles que ainda são muito jovens para o rétor. Que eles então aprendam a narrar as fábulas de Esopo, que estão muito próximas das histórias das nutrizas, em um discurso depurado e sem qualquer exagero; depois, exigir-se-á que aprendam a mesma graciosidade de estilo. Quanto aos versos, primeiro devem aprender a segmentá-los; logo em seguida, a reinterpretá-los com palavras diferentes; por fim, a apresentar uma versão mais audaciosa, na qual lhes é permitido abreviar algumas coisas e ornar outras, à condição de que mantenham o mesmo sentido que o poeta.” (“Adiciamus tamen eorum curae quaedam dicendi primordia quibus aetatis nondum rhetorem capientis instituant. Igitur Aesopi fabellas, quae fabulis nutricularum proxime succedunt, narrare sermone puro et nihil se supra modum extollente, deinde eandem gracilitatem stilo exigere condiscant: uersus primo soluere, mox mutatis uerbis interpretari, tum paraphrasi audacius uertere, qua et breuiare quaedam et exornare salvo modo poetae sensu permittitur.”).

¹⁹ Quint. *Inst. or.* I, 9: “Quod opus, etiam consummatis professoribus difficile, qui commode tractauerit cuicumque discendo sufficet”.

²⁰ Syme 1983, p. 259: “...le style. A n'en pas douter, il est salustéen. [...] Des études exhaustives de grammaire, de vocabulaire et d'usage ont confirmé ce que personne ne songeait à mettre en doute: les *Suasoriae* sont 'sallustéennes' par le style.”

de corroborar a autenticidade dos escritos, porém, essas características podem servir de argumento para a posição contrária. Já se observou que a escrita das obras historiográficas de Salústio, com seu característico arcaísmo e sua concisão lacônica, seria pouco apropriada a um texto parenético, que exigiria maior clareza para atingir seus objetivos.²¹ O que encontramos nas epístolas, porém, não é a atenuação dos recursos típicos da escrita salustiana, mas um uso ainda mais drástico do que nas obras historiográficas, particularmente na *Segunda epístola*.²² Esse fato constitui possível indicação de que as epístolas não foram compostas com o objetivo de realmente exortar César a ser um bom governante, mas que se tratava de exercícios retóricos em que o autor se colocava na figura de conselheiro do general, imitando a escrita de Salústio ao escrever seu falso discurso de aconselhamento.

Mais do que reproduzir a elocução salustiana, porém, as epístolas contêm passagens claramente retiradas das obras históricas do autor. Isso, por si só, não é suficiente para questionar a autenticidade dos textos, uma vez que a *imitatio* era uma parte importante da prática de composição entre os antigos, e a própria obra historiográfica de Salústio está repleta de passagens que são traduções quase diretas de autores gregos, em especial de Tucídides. Um exame cuidadoso do processo de citação nos opúsculos, porém, revela que essa prática se dá de um modo significativamente diferente do que ocorre nas obras historiográficas. Dihle mostra, por exemplo, que Tucídides está presente nos opúsculos, mas não por via direta, e sim mediante a retomada de trechos da obra salustiana que imitam o ateniense.²³ Dessarte, mesmo sendo prática comum entre os antigos a imitação de outros autores, é improvável que, ao retomar a fórmula de um predecessor, se usasse como modelo não a obra do imitado, mas uma passagem de seus próprios escritos que remetesse a esse modelo. Tal prática pode ser tomada, portanto, como forte indicação de que se tratava do trabalho de um imitador, que, no caso da *Primeira epístola*, teve acesso a Tucídides tão somente pela obra historiográfica de Salústio.

Esses fatos dão apoio à suposição de que as *Epístolas* são na verdade o trabalho de um ou mais imitadores,²⁴ os quais, tomando um assunto comum às declamações – aconselhar um homem de grande

²¹ Syme 1983, p. 260: “La langue est sallustéenne. [...] Paradoxalemente, le style vient miner toute démonstration. D’abord, c’est un style qui appartient à l’histoire, et non aux homélies. Ensuite, [...] ce style était une innovation, imaginée pour écrire l’histoire romaine, en se donnant du mal et aux prix de force méditations.”; Last 1923a, p. 94: “It may, however, perhaps legitimately, be thought strange that, much as Sallust may have loved his peculiar orthography, he should have used it in writing to Caesar.”

²² Um exemplo frequentemente citado é o assíndeto “a M. Catone L. Domitio” em II. 4, 2, algo que só encontra paralelo na obra salustiana em uma passagem suspeita (*Jug.* 27). Para maiores detalhes, *vd.* Last 1923a, pp. 94–95.

²³ Dihle 1954. As passagens em questão são *Ep.* I, 5, 2, que imita *Sal. Jug.* 2, 2, cujo paralelo é *Tuc.* II, 64, 3; *Ep.* I 5, 5, *Cat.* 52, 11 e *Tuc.* III, 82, 3.

²⁴ Há também, entre os comentadores, a discussão se as *Epístolas* teriam autoria comum para as *Epístolas* ou, ao contrário, se elas seriam obra de dois autores diferentes. Para maiores detalhes, *vd.* Last 1923a e 1923b.

poder –, assumem a figura de Salústio.²⁵ Eis o motivo da frequente condenação dos comentadores modernos às epístolas, consideradas a tentativa fracassada de um autor menor em imitar a obra do grande historiador.²⁶ Deixando de lado as expectativas modernas, porém, a leitura dos opúsculos, particularmente da *Primeira Epístola*, revela um escritor deveras habilidoso, capaz de adaptar a escrita salustiana a um gênero diferente e mesmo introduzir elementos que não estão presentes na obra do historiador. Um elemento importante do texto, por exemplo, é a imitação do tom moralizante característico do prefácio das obras historiográficas de Salústio, agora empregado em um discurso parenético, com o objetivo explícito de aconselhamento. Assim, Dihle (1954, p. 157) observa que o autor da *Primeira Epístola* retoma, em VIII, 2, a oposição entre *animi imperium* e *seruitium corporis*, que figura no prefácio à *Conjuração de Catilina*: “Ademais, os que estão habituados a forrar o estômago duas vezes ao dia e a não repousar uma única noite que seja sem ter ao seu lado uma meretriz, depois de submeterem o espírito, ao qual caberia o senhorio, à servidão, em vão tentam usá-lo para ação, depois de tê-lo tornado débil e tê-lo aleijado.” (“Porro ei, quibus bis die uentrem onerare, nullam noctem sine scorto quiescere mos est, ubi animum, quem dominari decebat, seruitio oppressere, nequequam eo postea hebeti atque claudo pro exercitu uti uolunt.”; cf. Sal. *Cat.* I, 2: “...mas todo nosso poder está assentado no corpo e no espírito: ao espírito cabe comandar; ao corpo, servir.”; “... sed nostra omnis uis in animo et corpore sita est: animi imperio, corporis seruitio magis utimur”). Aí a fórmula generalizante sobre a natureza humana do escrito historiográfico é transformada pela epístola em uma exortação a César para que governe de modo lhano. Observemos ainda que a referida fórmula está situada em lugar de destaque no original, aparecendo no parágrafo de abertura da *Conjuração de Catilina*, de modo que o paralelo que a *Epístola* estabelece com a obra historiográfica seria facilmente percebido por um leitor minimamente familiarizado com Salústio. Ao mesmo tempo, porém, o autor da *Epístola* estabelece um contraste com esse modelo, introduzindo um elemento que, a princípio, não estava presente na *Conspiração de Catilina*, a saber, a corrupção daqueles que invertem a ordem natural e submetem o espírito ao domínio do corpo. Ora, esse é um ponto tradicionalmente associado não tanto a Salústio, mas a um helênico, Platão, e é no filósofo que o autor da *Epístola* vai buscar uma das formulações para seu discurso: “habituaados a forrar o estômago duas vezes ao dia e a

²⁵ Vale a pena mencionar aqui um argumento adicional contra a autenticidade das *Epístolas*, ainda que ele não seja conclusivo: já foi observado que os textos não são citados por nenhum gramático antigo, embora Salústio gozasse de grande prestígio entre eles. O aval dos eruditos da Antiguidade, porém, nem sempre constitui indicação segura de autenticidade. Prova disso é a própria obra espúria de Salústio: Quintiliano (*Inst. Or.* V, 1, 68 ; IX, 3, 89) cita a *Invectiva de Cícero* como tendo sido escrita pelo historiador, mas argumentos convincentes foram apresentados de que se tratava da obra de um imitador (primeiro por Jachmann 1950).

²⁶ Representativo dessa posição é o julgamento de Last (1923a, p. 88): “As forms of composition their interest is mild; linguistically they are less valuable than bizarre; and as historical records they suffer from the defect of most Suasoriae – that the author cannot advise about the past and is compelled to deal chiefly with the potentialities of the future.” Mesmo quando consideradas autênticas, elas são vistas como obra de juventude, cujo maior valor é oferecer testemunho do desenvolvimento da escrita e do pensamento político de Salústio.

não repousar uma única noite que seja sem ter ao seu lado uma meretriz” é a tradução quase literal de “δὶς τε τῆς ἡμέρας ἐπιπλάμενον ζῆν καὶ μηδέποτε κοιμώμενον μόνον νύκτωρ” (Plat. *Epíst.* VII, 326-b: “...não vivem um só dia sem forrar o estômago e não se deitam uma noite que seja sem estarem acompanhados...”).²⁷ A passagem é suficiente para mostrar o quão variado o procedimento da *imitatio* poderia ser, combinando diversas fontes e chegando a um texto final diferente do modelo.

A partir das considerações acima, pudemos ver que o processo efetuado pelas *Epístolas* de modo algum se reduz a uma relação servil com seu modelo; ao contrário, tomando como ponto de partida o texto de Salústio, o autor da *suasoria* é capaz de adaptar elementos característicos da historiografia para um gênero novo, mostrando seu domínio na arte de compor discursos. Esse fato deixa claro que as *Epístolas* têm um valor intrínseco, e merecem ser estudadas para além da simples questão da autenticidade.

Agora, algumas considerações de caráter textual.

A epístola é dita primeira tão somente em vista da posição que ocupa no manuscrito, uma vez que ela aborda eventos posteriores aos tratados na segunda. Para ser mais exato, o texto se situa cronologicamente após a vitória de César em Farsalo e a morte de Pompeu no Egito, no outono de 48 a.C., portanto.²⁸ As indicações da *Segunda epístola*, porém, apontam para uma data anterior. Em seu nono capítulo, com efeito, o autor alerta César para que tome cuidado com os aliados de Pompeu, entre os quais aparece Marco Bíbulo; ora, temos notícia de que essa figura morreu em 48 a.C., e, já que ele é claramente mencionado como ainda vivo pela epístola, devemos situar o texto em um momento anterior àquela data. Embora essa não seja uma questão desprezível, porém, aqui devemos ter o cuidado de tratar tais indicações como “datas dramáticas”, uma vez que, se nossa hipótese sobre sua autoria estiver correta, os textos não são realmente de Salústio, tendo talvez sido escritos muito tempo depois dos eventos relatados.

A tradução aqui proposta adotou como texto de partida aquele estabelecido por Reynolds em 1991, na que se tornou a edição crítica de referência para a obra de Salústio. Consiste o texto latino a seguir, porém, em uma versão levemente modificada daquela proposta pelo filólogo. Isso se deve a dois motivos: em primeiro lugar, meu entendimento diverso em umas poucas passagens, que me levaram a adotar aí uma lição diferente. Outro motivo foi o desejo de não violar os direitos

²⁷ Dihle (1954, p. 127) nota que a *Sétima Carta* não é citada em nenhuma passagem da obra historiográfica, o que é forte indicação de que o autor da *Epístola* teve acesso direto ao texto de Platão.

²⁸ Seguimos aqui a posição de Syme (1983, p. 258), embora a maioria dos comentadores defenda uma data posterior, a saber, a primavera de 46 a.C., quando ocorre a Batalha de Tapso. Trata-se inegavelmente de um evento significativo dentro da trajetória de César, a marcar a derrota da última resistência republicana ao poder do general. A despeito de sua importância, porém, não se encontra nenhuma referência da epístola a essa batalha ou ao comandante das forças adversárias, Catão, em contraposição a Pompeu, que é mencionado duas vezes no texto (ii 7, iv 1). Estas passagens associam a tomada do poder por César à vitória sobre o general, de modo que podemos situar a epístola aproximadamente no outono de 48 a.C., após, portanto, a morte de Pompeu no Egito.

autorais, uma vez que o trabalho ainda não entrou em domínio público. À exceção de uma passagem complicada (*vd.* nota 30 abaixo), decidi não apor à tradução um aparato crítico, e o texto latino aqui impresso tem a função tão somente de esclarecer as escolhas adotadas na versão portuguesa.



PRIMA EPISTVLA AD CAESAREM SENEM DE RE PVBLICA²⁹

I. Pro uero antea optinebat regna atque imperia fortunam dono dare, item alia quae per mortales auide cupiuntur, quia et apud indignos saepe erant quasi per libidinem data neque cuiquam incorrupta permanserant. **2.** Sed res docuit id uerum esse quod in carminibus Appius ait, fabrum esse suae quemque fortunae, atque in te maxime, qui tantum alios praegressus es ut prius defessi sint homines laudando facta tua quam tu laude digna faciundo. **3.** Ceterum ut fabricata sic uirtute parta quam magna industria haberei decet, ne incuria deformatur aut corruant infirmata. **4.** Nemo enim alteri imperium uolens concedit, et quamuis bonus atque clemens sit, qui potest tamen, quia malo esset licet, formeidatur. **5.** Id eo euenit quia plerique rerum potentes peruorse consulunt et eo se munitiores putant quo ille quibus imperitant nequiores fuerint. **6.** At contra id eniti decet, cum ipse bonus atque strenuus sis, uti quam optumis imperites, nam pessumus quisque asperrime rectorem patitur.

7. Sed tibi hoc grauius est, quam ante te omnibus, armis parta componere, quod bellum aliorum pace mollius gessisti. **8.** Ad hoc uictores praedam petunt, uicti ciues sunt. Inter has difficultates euadendum est tibi atque in posterum firmanda res publica non armis modo neque aduersum hostis, sed, quod multo multoque asperius est, pacis bonis artibus. **9.** Ergo omnes magna mediocri sapientia res huc uocat, quae quisque optima potest, utei dicant. Ac mihi sic uidetur: qualeicumque modo tu uictoriam composueris, ita alia omnia futura. **II.** Sed iam, quo melius faciliusque constituas, paucis quae me animus monet accipe.

2. Bellum tibi fuit, imperator, cum homine claro, magnis opibus, auido potentiae, maiore fortuna quam sapientia, quem secuti sunt pauci per suam iniuriam tibi inimici, item quos adfinitas aut alia necessitudo traxit. **3.** Nam particeps dominationis neque fuit quisquam neque, si pati potuisset, orbis terrarum bello concussus foret. **4.** Cetera multitudo, uolgi more magis quam iudicio, post alius alium quasi prudentiorem secuti. **5.** Per idem tempus maledictis ineiquorum occupandae rei publicae in spem adducti homines, quibus omnia probro ac luxuria polluta erant, concurrere in castra tua et aperte quieteis mortem rapinas, postremo omnia quae corrupto animo lubebat, minitari. **6.** Ex quibus

²⁹ Todas as traduções, salvo quando indicado, são minhas. Gostaria de deixar meu agradecimento aqui a Márcio André Lopes Cenzi e Henrique Fortuna Cairus, que leram versões prévias deste texto, fazendo sugestões que em muito contribuíram para melhorá-lo. Os erros que persistem são de minha exclusiva responsabilidade.

magna pars, ubi neque creditum condonare neque te ciuibus sicuti hostibus uti uident, defluxere, pauci restitere quibus maius otium in castris quam Romae futurum erat: tanta uis creditorum inpendebat. 7. Sed ob easdem causas immane dictust quanti et quam multi mortales postea ad Pompeium discesserint, eoque per omne tempus belli quasi sacro atque inspoliato fano debitores usi.

III. Igitur quoniam tibi uictori de bello atque pace agitandum est, hoc uti ciuilitate deponas, illa <ut> quam iustissima et diuturna sit, de te ipso primum, qui ea compositurus es, quid optimum factu sit existima. 2. Equidem ego cuncta imperia crudelia magis acerba quam diuturna arbitror, neque quemquam multis metuendum esse, quin ad eum ex multis formido reccidat: eam uitam bellum aeternum et anceps gerere, quoniam neque aduersus neque ab tergo aut lateribus tutus sis, semper in periculo aut metu agites. 3. Contra qui benignitate et clementia imperium temperauere iis laeta et candida omnia uisa, etiam hostes aequiores quam aliis ciues. 4. Haud scio an qui me his dictis corruptorem uictoriae tuae nimisque in uictos bona uoluntate praedicent. scilicet quod ea, quae externis nationibus natura nobis hostibus nosque maioresque nostri saepe tribuere, ea ciuibus danda arbitror neque barbaro ritu caede caedem et sanguinem sanguine expianda. **IV.** An illa quae paulo ante hoc bellum in Cn. Pompeium uictoriamque Sullanam increpabantur obliuio interceptit: Domitium, Carbonem, Brutum, alios item non armatos neque in proelio belli iure sed postea supplices per summum scelus interfectos, plebem Romanam in uilla publica pecoris modo conscissam? 2. Eheu quam illa occulta ciuium funera et repentinae caedes, in parentum aut liberorum sinum fuga mulierum et puerorum, uastatio domuum ante partam a te uictoriam saeua atque crudelia erant! Ad quae te idem illi hortantur: 3. scilicet id certatum esse, utrius uestrum arbitrio iniuriae fierent, neque receptam sed captam a te rem publicam, et ea causa exercitus stipendiis confectis optimos et ueterrimos omnium aduersum fratres parentisque [alii liberos] armis contendere, ut ex alienis malis deterrumi mortales uentri atque profundae lubidini sumptus quaerent atque essent obprobria uictoriae, quorum flagitiis commacularetur bonorum laus. 4. Neque enim te praeterire puto, quali quisque eorum more aut modestia etiam tum dubia uictoria sese gesserit quoque modo in belli administratione scorta aut conuiuia exercuerint nonnulli, quorum aetas ne per otium quidem talis uoluptatis sine dedecore attingerit.

V. De bello satis dictum. De pace firmanda quoniam tuque et omnes tui agitatis, primum id, quaeso, considera, quale sit de quo consultas: ita bonis malisque dimotis patenti uia ad uerum perges. 2. Ego sic existimo: quoniam orta omnia intereunt, qua tempestate urbi Romanae fatum excidii aduentarit, cuius cum ciuibus manus conserturos, ita defessos et exsanguis regi aut nationi praedae futuros. Aliter non orbis terrarum neque cunctae gentes conglobatae mouere aut contundere queunt hoc imperium. 3. Firmanda igitur sunt [uel] concordiae bona et discordiae mala expellenda. 4. Id ita eueniet, si sumptuum et rapinarum licentiam dempseris, non ad uetera instituta reuocans, quae iam pridem corruptis moribus ludibrio sunt, sed si suam quoique rem familiarem finem sumptuum statueris: 5. quoniam is incessit mos, ut homines adulescentuli sua atque aliena consumere, nihil

libidinei atque aliis rogantibus denegare pulcherrimum putent, eam uirtutem et magnitudinem animi, pudorem atque modestiam pro socordia aestiment. **6.** Ergo animus ferox praua uia ingressus, ubi consueta non suppetunt, fertur accensus in socios modo, modo in ciuis, mouet composita et res nouas [ueteribus aec conquirit].³⁰ **7.** Quare tollendus est fenerator in posterum, uti suas quisque res curemus. **8.** Ea uera atque simplex uia est, magistratum populo, non creditori gerere et magnitudinem animi in addendo, non demendo rei publicae ostendere.

VI. Atque ego scio quam aspera haec res in principio futura sit, praesertim is qui se in uictoria licentius liberiusque quam artius futuros credebant. Quorum si saluti potius quam lubidini consules, illosque nosque et socios in pace firma constitues: sin eadem studia artesque iuuentuti erunt, ne ista egregia tua fama simul cum urbe Roma breui concidet. **2.** Postremo sapientes pacis causa bellum gerunt, laborem spe otii sustentant. Nisi illam firmam efficis, uinci an uicisse quid retulit? **3.** Quare capesse, per deos, rem publicam et omnia aspera, uti soles, peruade. **4.** Namque aut tu mederi potes aut omittenda est cura omnibus. neque quisquam te ad crudelis poenas aut acerba iudicia inuocat, quibus ciuitas uastatur magis quam corrigitur, sed ut prauas artis malasque libidines ab iuuentute prohibeas. **5.** Ea uera clementia erit consuluisse, ne merito ciues patria expellerentur, retinuisse ab stultitia et falsis uoluptatibus, pacem et concordiam stabiliuisse, non si flagitiis opsecutus, delicta perpeccatus praesens gaudium quom mox futuro malo concesseris.

VII. Ac mihi animus, quibus rebus alii timent, maxume fretus est negotii magnitudine et quia tibi terrae et maria simul omnia componenda sunt. quippe res paruas tantum ingenium attingere nequiret, magnae curae magna merces est. **2.** Igitur prouideas oportet, uti plebs largitionibus et publico frumento corrupta habeat negotia sua, quibus ab malo publico detineatur: iuuentus probitati et industriae, non sumptibus neque diuitiis studeat. **3.** Id ita eueniet, si pecuniae, quae maxuma omnium pernicies est, usum atque decus dempseris. **4.** Nam saepe ego quom animo meo reputans, quibus quisque rebus clari uiri magnitudinem inuenissent quaeque res populos nationesue magnis auctibus auxissent ac deinde quibus causis amplissima regna et imperia conruissent, eadem semper bona atque mala reperiebam, omnesque uictores diuitias contempsisse et uictos cupiuisse. **5.** Neque aliter quisquam extollere sese et diuina mortalis attingere potest, nisi omissis pecuniae et corporis gaudiis animo indulgens, non adsentando neque concupita praebendo, peruorsam gratiam gratificans, sed in labore patientia bonisque praeceptis et factis fortibus exercitando.

³⁰ “ueteribus aec conquirit” é a lição de V. Em nota à passagem, Reynolds aponta que o copista escreveu “aec” com hesitação, deixando um espaço de duas letras antes de “conquirit”, o que é indicação de que o problema já se encontrava na fonte do manuscrito. Nenhuma das correções propostas (Jordan: “pro ueteribus concupit”; Kroll: “ueteribus abiectis conquirit”; Kurfess: “ueteribus neglectis conquirit”) parece oferecer uma solução adequada, de modo que sou obrigado a concordar com Reynolds que a passagem se encontra corrompida além da esperança de emenda.

VIII. Nam domum aut uillam exstruere, eam signis aulaeis alieisque operibus exornare et omnia potius quam semet uisendum efficere, id est non diuitias decori habere, sed ipsum illis flagitio esse. **2.** Porro ei, quibus bis die uentrem onerare, nullam noctem sine scorto quiescere mos est, ubi animus, quem dominari decebat, seruitio oppressere, nequequam eo postea hebeti atque claudo pro exercito uti uolunt. **3.** Nam imprudentia pleraque et se praecipitat. uerum haec et omnia mala pariter cum honore pecuniae desinent, si neque magistratus neque alia uolgo cupienda uenalia erunt.

4. Ad hoc prouidendum est tibi quonam modo Italia atque prouinciae tutiores sint: id quod factu haut obscurum est. **5.** Nam idem omnia uastant, suas deserendo domos et per iniuriam alienas occupando. **6.** Item ne, uti adhuc, militia iniusta aut inaequalis sit, cum alii triginta, pars nullum stipendium facient. Et frumentum id quod antea praemium ignauiae fuit per municipia et colonias illis dare conueniet qui stipendiis emeritis domos reuerterint. **7.** Quae rei publicae necessaria tibiue gloriosa ratus sum, quam paucissimis apsolui. **8.** Non peius uidetur pauca nunc de facto meo disserere. Plerique mortales ad iudicandum satis ingenii habent aut simulant: uerum enim ad reprehendenda aliena facta aut dicta ardet omnibus animus, uix satis apertum os aut lingua prompta uidetur, quae meditata pectore euoluat. **9.** Quibus me subiectum haud paenitet, magis reticuisse pigeret. **10.** Nam siue hac seu meliore alia uia perges, a me quidem pro uirili parte dictum et adiutum fuerit. Relicuum est optare, uti quae tibi placuerint ea di immortales adprobent beneque euenire sinant.



PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SALÚSTIO AO VELHO CÉSAR SOBRE A REPÚBLICA

I. Outrora se tinha por verdadeiro que a fortuna concedia reinos e impérios como dádivas, de igual modo às outras coisas que são avidamente cobiçadas pelos mortais, pois amiúde caíam, como que por capricho, nas mãos de homens indignos, e ninguém os possuía sem corrompê-los, nem permaneciam em poder de quem quer fosse sem serem corrompidos. **2.** Mas os fatos provaram ser verdadeiro aquilo que Ápio³¹ diz em seus versos – que cada um é o artífice de sua própria fortuna –, algo que é evidente sobretudo em ti, que de tal modo superaste aos demais, que os homens se cansariam de louvar tuas façanhas antes de tu deixares de realizar ações dignas de louvor. **3.** Ademais, como as edificações, assim também se devem proteger as coisas nascidas da virtude: com o maior cuidado possível, para que não sejam deturpadas pela negligência ou ruam em razão da própria tibieza. **4.** Ninguém, com efeito, voluntariamente cede seu domínio, e quem detém o maior poder, ainda

³¹ Ápio Cláudio Ceco (340–273 a.C.), político e poeta romano, autor das *Sententiae*, imitação latina dos *Versos dourados* pitagóricos. *vd. Cíc. Tusc. Disp. IV, 2, 4.*

que seja bom e piedoso, porque pode ser mau, é temido. **5.** Isso ocorre porque a maioria dos homens poderosos pensa de modo perverso e eles se consideram tão mais protegidos quanto mais vis forem aqueles que eles governem. **6.** Mas, ao contrário, debes te esforçar para que, sendo bom e estrênuo, governes os melhores súditos possíveis, pois são os piores homens que mais ressentem seus governantes.

7. É mais difícil para ti do que para todos os teus predecessores administrar tuas conquistas, pois guerreaste de um modo mais lhano do que outros estabeleceram a paz. **8.** Ademais, os vitoriosos demandam o butim; os derrotados, porém, são cidadãos. Entre estas dificuldades que debes evitar, também no futuro a república deve ser estabelecida não somente pelas armas e no confronto com os inimigos, mas – o que é muito mais árduo – mediante as boas artes da paz. **9.** Portanto, a situação convoca a todos – de grande ou mediana sabedoria – para que te deem o melhor conselho que puderem. **10.** E eis o que penso: do mesmo modo que alcançaste a vitória, assim também se dará tudo mais que o futuro reserva; **II.** mas agora, para que mais facilmente tomes as melhores decisões, escuta o que o espírito adverte-me a, em poucas palavras, te dizer.

2. Aconteceu-te de guerrear, general,³² com um homem preclaro, de extensos recursos, ávido por poder, mais favorecido pela fortuna que dotado de sabedoria. Uns poucos seguiram-no em razão de uma rixa pessoal contigo; alguns outros foram atraídos ou pela afinidade, ou por serem ligados a ele de algum outro modo **3.** (pois ninguém compartilhou de seu poder, tampouco, se ele tivesse podido tolerá-lo, o mundo inteiro teria sido engolfado pela guerra); **4.** quanto ao resto da turba, juntaram-se a ele mais pelo sentimento de manada que em razão do próprio arbítrio, um seguindo ao outro como se este fosse mais inteligente. **5.** Ao mesmo tempo, homens que não consideravam corrompido nenhum opróbrio ou luxo, incitados pelas injúrias de iníquos difamadores, esperavam se acercar da república correndo a teu campo e ameaçando abertamente os cidadãos ordeiros de morte, de saque e de tudo o mais que um espírito corrupto pode imaginar. **6.** A maior parte dentre eles, quando viu que tu nem perdoarias dívidas, nem tratarias os cidadãos como os inimigos, desistiu, e os poucos que ficaram tiveram maior tranquilidade no acampamento do que lhes seria possível em Roma, tão grande era a extensão de suas dívidas. **7.** Mas pelos mesmos motivos se diz que doravante uma enorme quantidade e variedade de mortais acorreu até Pompeu, a quem os devedores, durante todo o tempo da guerra, tinham como um santuário sagrado e inviolável.

III. Portanto, já que, como vitorioso, debes tratar da guerra e da paz de modo a civilmente pões fim àquela, de forma a tornares esta o mais possível justa e duradoura, considera primeiramente

³² Aqui há uma possível ambiguidade no uso de *imperator*. O termo primeiramente utilizado designava um chefe militar, daí minha escolha em traduzi-lo por “general”, uma vez que o nome de César aparece aqui relacionado às campanhas que ele lutou. À parte esse sentido, porém, o termo passou a designar, com o fim da república, o imperador, isto é, o centro do poder político no período imperial. Embora o principado tenha se iniciado com Otaviano a atuação política de César foi fundamental para a mudança na forma de governo e o general foi visto como um precursor dos imperadores, tendo o seu nome sido adotado como um sinônimo desse cargo político.

o que de melhor está em teu poder fazer, uma vez que arranjarás essas questões. **2.** Eu, com efeito, julgo que governos cruéis são mais violentos que duradouros e que não há quem seja temido por muitos que também a muitos não tema: esse modo de vida trava uma eterna e múltipla guerra, pois não estarias seguro nem na frente, nem às costas, nem nos flancos, mas viverias sempre com medo em meio a perigos. **3.** Por outro lado, àqueles que mitigavam o domínio com a bondade e clemência, tudo lhes parecia ledó e próspero, e até mesmo os inimigos eram-lhes mais amistosos que os cidadãos uns em relação aos outros.

4. Talvez digam que eu maculo tua vitória com estas palavras e com a minha benevolência para com os vencidos, indubitavelmente porque julgo que aquilo que amiúde nós e nossos pais concedemos aos povos forâneos – nossos inimigos por natureza – também deve ser conferido aos cidadãos e que, diferente do costume bárbaro, os assassinios não devem ser expiados com outros assassinatos nem o sangue pago com sangue. **IV.** Acaso o olvido extinguiu o que, um pouco antes desta guerra, eles repreendiam a Cneu Pompeu e à vitória de Sula? Domício,³³ Carbão,³⁴ Bruto³⁵ e muitos outros não foram mortos de acordo com as leis da guerra, em armas em meio ao prélio, e sim – crime abjeto! – enquanto suplicavam por misericórdia; a plebe romana foi abatida dentro da Vila Pública,³⁶ qual gado. **2.** Ah! Antes de tua vitória, quão sevos e cruéis foram os atentados à vida dos cidadãos e seus assassinios repentinos, a fuga de mulheres ou crianças para os colos de seus pais ou filhos, a devastação dos lares! **3.** E esses mesmos homens te exortam a também cometer tais crimes, dizendo que o propósito do conflito é saber quem de vós dois executará essas violências, que Roma não foi retomada, mas capturada por ti e alegam que, por causa disso, os mais antigos e melhores soldados do exército, ao fim do serviço militar, pegaram em armas contra os irmãos e pais – para que eles, homens execráveis, dos males alheios tirassem os meios para satisfazer o estômago e seu desejo insaciável e fossem um opróbrio para tua vitória, eles, cujos atos abjetos põem uma mácula na glória dos bons. **4.** Não penso, com efeito, ter-te escapado a moderação com que cada um deles se comportou quando a vitória ainda era incerta, nem como, na condução da guerra, não poucos se

³³ Cneu Domício Ahenobarbo. Colocou-se ao lado de Sula na Guerra Social. Morreu em 81 a.C., logo após perder a Batalha de Útica para Pompeu.

³⁴ Provavelmente Cneu Papírio Carbão, tribuno da plebe que apoiou Mário contra Sula, Metelo e Pompeu, tendo sido morto por este último em 82 a.C.

³⁵ Marco Júnio Bruto, o velho, pai do célebre homônimo que participará do assassinato de César. Após a derrota de Sula, tentou liderar uma facção de *populares* contra os *optimates*. Plutarco conta que “Bruto, após ter traído suas forças, ou então tendo sido traído por elas, entregou sua vida nas mãos de Pompeu. Acompanhado por uma escolta de cavaleiros, partiu para uma pequena cidade próxima ao Pó. Aí, depois de um dia, Gemínio o matou a mando de Pompeu.” (Plut. *Pomp.* XVI, 4-5: “ὁ γὰρ Βροῦτος, εἴτε παραδοὺς τὴν δύναμιν αὐτός, εἴτε προδοθεὶς μεταβαλομένης ἐκείνης, ἐνεχείρισε τῷ Πομπηΐῳ τὸ σῶμα, καὶ λαβὼν ἵππεῖς προπομποὺς ἀπεχώρησεν εἰς πολίχνιον τι τῶν περὶ τὸν Πάδον, ὅπου μεθ’ ἡμέραν μίαν, ἐπιπέμψαντος αὐτῷ τοῦ Πομπηΐου Γεμίνιον, ἀνιρέθη.”).

³⁶ Localizada no Campo de Marte, a Vila Pública servia de sede para os censores de Roma, além de abrigar os embaixadores estrangeiros enviados à cidade. A passagem faz referência ao massacre ordenado por Sula dos 4000 prisioneiros da Batalha da Colina, então mantidos sob custódia no edifício.

ocuparam de meretrizes e de festins, homens já de uma idade, porém, que nem mesmo em tempos de paz poderiam tocar em tais coisas sem desonra.

V. Basta o que eu disse sobre a guerra. Já que tu e os teus tratais agora de estabelecer a paz, peço-te que consideres primeiramente qual é a natureza daquilo acerca do que deliberas: desse modo, depois de separar o que é bom do mal, seguirás por uma via segura até a verdade. **2.** Eis o que penso: já que tudo que tem um começo tem também um fim, quando o fado da destruição se abater sobre a urbe romana, cidadão se atracará com cidadão em mútua hostilidade, e assim, exaustos e debilitados, tornar-se-ão presa fácil para um rei ou povo inimigo. De nenhum outro modo pode o mundo inteiro nem todos povos reunidos abalar ou arrasar este império! **3.** Deve-se, portanto, firmar os bens da concórdia e expelir os males da discórdia. **4.** Assim se dará, se puseres fim à licença para os dispêndios e saques, não restabelecendo as antigas práticas, que já há muito a corrupção dos costumes transformou em objeto de escárnio, mas se determinares a renda pessoal de cada homem como o limite para suas despesas. **5.** Pois se instalou o costume de homens ainda bem jovens dilapidarem o próprio patrimônio e o alheio, de considerarem a coisa mais bela não recusar nada ao próprio desejo ou à demanda de outrem e de estimarem que nisso consiste a virtude e magnanimidade e que o pudor e a moderação são tolices. **6.** Portanto, um ânimo feroz, adentrando uma via degenerada, quando seus hábitos não são satisfeitos, inflamado, volta-se ora contra os associados, ora contra os cidadãos, perturba a ordem estabelecida das coisas e o velho pelo novo [...].³⁷ **7.** Por isso, no futuro deve-se banir o agiota, para que cada um possa cuidar de suas próprias coisas. **8.** Esta é a única via correta de administrar uma magistratura para o povo, não para o credor, e de mostrar magnanimidade aumentando, e não pilhando, a república.

VI. E sei o quão árduo isso será a princípio, sobretudo àqueles que acreditavam que, na vitória, teriam mais licença e liberaridade do que controle. Se te preocupares com a salvação desses homens, e não com seus desejos, estabelecerás uma paz inabalável entre eles, nós e nossos aliados; se, porém, a juventude insistir nos mesmos anseios e práticas, por certo essa tua egrégia fama encontrará um breve fim, junto com a urbe romana. **2.** Por fim, homens sábios fazem guerra em razão da paz, suportam a faina na esperança de gozarem do ócio; a não ser que estabeleças a paz em bases sólidas, qual a diferença entre a derrota e a vitória? **3.** Por isso – pelos deuses, te suplico – toma as rédeas da República e, como é de teu costume, vence todas as dificuldades. **4.** Pois ou tu podes remediar nossos males, ou todos nós devemos perder a esperança de cura. E que ninguém te exorte a aplicar penas cruéis ou a pronunciar veredictos desmedidos, que mais arruinam que corrigem a República, mas debes fazê-lo de modo a afastares as artes corrompidas e os desejos malignos da juventude. **5.** Eis no que consistirá a verdadeira clemência: refletir para que cidadãos não mereçam ser exilados; mantê-los

³⁷ Sobre a passagem, *vd.* nota 30 acima.

longe da loucura e dos prazeres ilusórios; estabelecer a paz e a concórdia; nem, sendo indulgente com o opróbrio, tolerando seus delitos, se tu lhes permitires um prazer fugaz ao preço do mal no futuro próximo.

VII. E as mesmas coisas que assustam os demais conferem a meu espírito a máxima segurança, isto é, a grandeza da ação e o pensamento de que todas as terras e mares por ti serão apaziguados. Pois tamanho engenho não saberia se ocupar de coisas pequenas, mas grande é a recompensa de um grande zelo. **2.** Convém, portanto, que cuides para que a plebe, corrompida pela largueza e pela distribuição pública de trigo, tenha uma ocupação que a mantenha afastada do malefício público; que cuides para que a juventude aspire a ser proba e industriosa, não a ter luxos e riquezas. **3.** Assim se dará se despojares o dinheiro – que é o que há de mais prejudicial – de sua utilidade e glória. **4.** Pois amiúde, quando eu refletia em como e onde homens preclaros encontraram a grandeza, por que meios povos e nações adquiriram grande vulto e, por outro lado, quais as causas da ruína dos maiores reinos e impérios, percebia os mesmos bens e os mesmos males e que os vencedores desprezavam a riqueza, enquanto que os vencidos a desejavam. **5.** De outro modo ninguém conseguiria se elevar da condição mortal e aproximar-se dos deuses, senão, deixando de lado os deleites trazidos pelo dinheiro e os prazeres do corpo, pela devoção às atividades do espírito – sem adulação nem cupidez, concedendo a si uma perversa gratificação, mas empenhando seu espírito no trabalho mediante os bons preceitos e as ações corajosas.

VIII. Pois erigir uma casa ou vila, orná-la com estátuas, tapeçarias e outros adereços e dar visibilidade a tudo menos a si mesmo não é fazer da riqueza uma honra, mas ser uma desgraça para a própria riqueza. **2.** Ademais, os que estão habituados a forrar o estômago duas vezes ao dia e a não repousar uma única noite que seja sem ter ao seu lado uma meretriz, tais homens, depois de submeterem o espírito, ao qual caberia o senhorio, à servidão, em vão tentam usá-lo para ação, depois de tê-lo tornado débil e tê-lo aleijado. **3.** Pois a tolice arruina a maioria das coisas, mesmo a si própria. Esses e todos os outros males, porém, chegarão ao fim, quando nem as magistraturas, nem as demais coisas desejadas pelo vulgo estiverem mais à venda. **4.** Ademais, debes cuidar para que, de algum modo, as províncias e a Itália se tornem mais seguras, o que não é difícil de se fazer, **5.** pois os mesmos homens provocam devastação em todos os lugares, ao abandonarem suas próprias casas e ocuparem as alheias por meio da violência.³⁸ **6.** Do mesmo modo, debes evitar que o serviço militar seja injusto ou desigual, como aconteceu até agora, quando alguns partem trinta vezes em campanha, enquanto outros nunca o fazem. E esse grão que outrora foi prêmio da ignávia, convirá que tu o concedas àqueles que retornam aos municípios e províncias depois de terem cumprido o serviço militar.

³⁸ Há uma ambiguidade – deliberada, a nosso ver – no uso da expressão “*per iniuriam*”, que pode significar tanto o meio com que as ocupações eram feitas (“por meio da violência”, como acima traduzido) quanto o modo, em que “*iniuria*” ganha o significado de “injustiça”, e a expressão deveria ser vertida como “injustamente”.

7. Expus o mais sucintamente possível o que considerava ser benéfico para a república e glorioso para ti; 8. não parece deveras inapropriado ora discorrer brevemente acerca de minha própria pessoa. 9. A maior parte dos mortais possui (ou ao menos finge possuir) engenho suficiente para julgar. A bem da verdade, o espírito de todos anseia ardentemente por repreender os feitos e ditos alheios; muito raramente, contudo, abrem a boca e têm a língua pronta para expor aquilo que meditam em seu próprio peito. Não me arrependo de me ter sujeitado às censuras de tais homens: mais me doeria ter ficado calado. 10. Pois, que sigas tu por esta via, ou então prefiras outra melhor, ainda assim posso dizer que te ofereci, no limite de minha capacidade, meus conselhos e meu auxílio.

Só me resta desejar que os deuses imortais deem seu consentimento àquilo que te aprouver e permitam que isso se passe.

Referências bibliográficas:

- BERTÒLA, M. **I due primi Registri di prestito della Biblioteca Apostolica Vaticana: codici vaticani latini 3964, 3966.** Città del Vaticano, 1942.
- BONNER, S. F. **Roman Declamation in the Late Republic and Early Empire.** Liverpool: The University Press, 1949.
- COSTRINO, A. **A lição dos Declamadores: Sêneca, o rétor, e as Suasórias.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- DIHLE, A. Zu den epistolae ad Caesarem senem. **Museum Helveticum** 11, 1954, pp. 126-30.
- FEDDERN, S. **Die Suasorien des älteren Seneca: Einleitung, Text und Kommentar.** Berlin: de Gruyter, 2013.
- GEBHARDT, O. **Sallust als politischer Publizist während des Bürgerkriegs.** Halle: Karras und Koenneke, 1920.
- JACHMANN, G. **Die Invektive gegen Cicero. Miscellanea Academica Berolinensia II.** Berlin, 1950, pp. 235-75.
- JORDAN, H. Die Ueberlieferung der Reden und Briefe in Sallust's *Historien*. **Rheinisches Museum für Philologie** 18, 1863, pp. 584-93.
- LAST, H. M. On the Sallustian *Suasoriae*. **The Classical Quarterly** 17, 1923a, pp. 87-100.
- _____. On the Sallustian *Suasoriae*-II (Continued). **The Classical Quarterly** 17, 1923b, pp. 151-162.
- LIPSIUS, J. **Variarum Lectionum libri III.** Antverpiae: 1585.
- MANOEL, R. G. **Teoria e prática: estudo e tradução das epístolas e invectivas de Pseudo-Salústio e Pseudo-Cícero à luz dos *Progymnasmata*.** Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.
- MEYER, E. **Cäsars Monarchie und das Prinzipat des Pompejus.** Stuttgart-Berlin: 1918.
- NOËL, M.-P. La forme des premiers manuels de rhétorique: des *technai logon* à la *Rhétorique à Alexandre*. **Pan. Rivista di Filologia Latina**, n. 1, 2012, pp. 59-70.
- PLATÃO. **Fedro.** trad. e apresentação de José Cavalcante de Souza, posfácio e notas de José Trindade Santos. São Paulo: Editora 34, 2016.

- ROLFE, J. C. **Sallust**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1921.
- C. SALUSTII Crispi **Quae Exstant**. vol. II. edidit Franciscus Dorotheus Gerlach. Basileiae in Libraria Schweighauseriana, 1827.
- C. SALVSTI Crispi **Catilina, Iugurtha, Historiarum, Fragmenta Selecta, Appendix Sallustiana**. Recognovit Adnotationeque Critica Instruxit L. D. Reynolds. Oxonii E Typographeo Clarendoniano, 1991.
- REYNOLDS, L. D. (ed.) **Texts and Transmission: A Survey of the Latin Classics**. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- RUSSELL, D. A. **Greek Declamation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- SANTOS, G. C. d. **Arte e imitação nas Epistulae ad Caesarem**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- SYME, R. **Salluste**. trad. de Pierre Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

